



## EDITORIAL

As políticas de estabilização monetária implantadas no Brasil ao longo dos anos 90, que caminham atualmente rumo à crise, conseguiram oferecer um novo poder de compra a segmentos sociais anteriormente excluídos. Esta nova, ainda que precária, onda de massificação do consumo acabou reatualizando o debate, de origem frankfurtiana, sobre os impactos culturais que a democratização mercantilizada das sociedades implica: a produção de um cenário composto por tecnologias de comunicação extremamente mutantes e propícias à criação de um circuito de produção e consumo bastante segmentado.

Um conjunto de fatores tais como o barateamento e, conseqüentemente, o acesso às novas tecnologias no processo de elaboração do artefato cultural - inclusive daqueles qualificados como sendo próprios da *cultura popular* -, a emergência de um tipo de produto cultural dirigido às massas (um tipo de produto que, através das tecnologias da comunicação, não só acelera e altera a experiência espaço-temporal urbana, como também promove uma “estética do grotesco” e uma publicização da intimidade), indica que estamos, neste fim de milênio, diante de fenômenos globais que se apresentam com cores locais.

Tais elementos constituem o Núcleo Temático deste número intitulado *Novos Espaços de Massificação do Consumo e de Produção Cultural*. Para discuti-los, publicamos artigos que buscam: avaliar as redefinições provocadas pela emergência de parcelas significativas dos setores populares no consumo de bens culturais, aliada à implantação da televisão por assinatura que vem intensificar o processo de segmentação da audiência televisiva (Rondelli); revisitar o conceito foucaultiano de biopolítica a partir da releitura de Gabriel Tarde e de sua teoria das massas (Lazzarato);

problematizar a farta exposição do privado nos meios de comunicação motivada, de certa maneira, pela ascensão de estilos de vida populares e pela crise dos costumes burgueses (Mira); avaliar, a partir do estudo de caso do funk, a emergência de uma produção musical de cunho pós-fordista (isto é, uma produção que articula, com grande sucesso, selos independentes e grandes empresas da indústria fonográfica) na música popular brasileira (Herschmann); e, ainda, avaliar o impacto das novas tecnologias de comunicação e de “deslocamento” sobre a configuração da cidade e seu modo de vida singularizado (Rubim).

Temos também como destaque deste número: um ensaio em que Hayden White problematiza a tendência da literatura modernista de dissolver o “evento” (sugerindo que isso estaria relacionado à maneira pela qual a cultura ocidental contemporânea constrói a relação entre literatura e história); uma entrevista em que André Gorz discute o fim do trabalho assalariado; e notas de conjuntura (Miguel, Lesbaupin e Cocco) que enfocam algumas das questões que têm povoado dramaticamente o imaginário nacional e motivado um intenso debate neste segundo semestre de 98: as eleições, a crise financeira mundial e o pacote econômico decretado recentemente pelo Governo.

#### OS EDITORES

**Carlos Alberto Messeder Pereira**

**Elizabeth Rondelli**

**Giuseppe Cocco**

**Karl Erik Schollhammer**

**Micael Herschmann**